

MENIR DE FONTELO (ARMAMAR, VISEU). PRIMEIRA NOTÍCIA

Mário Varela Gomes

Instituto de Arqueologia e Paleociências, UNL
mv.gomes@fesh.unl.pt

Orlando Sousa

Direcção Regional de Cultura do Norte
orlandocfsousa@gmail.com

ABSTRACT

We bring to light the discovery of a new tall menhir, currently laid on the ground, away from its primitive erection site, in Vale de Naçarães, southwest Fontelo village (Armamar, Viseu) allowing some considerations. It is a monolith sculpted with local granitic rock, subcylindrically shaped, but presenting pointed extremities, measuring 5.32 m long and 1.18 m in maximum width. The exposed surface shows three engraved cup-marks, one near the top and two paired on the mesial volume, as well as at the central area four large pecked concentric circles, containing on its inside a fifth circle, smaller and not centred with the larger ones. Other cup-marks were detected, but all the engravings are much eroded and were possibly made when the menhir was already down. This kind of monuments was probably built in the 5th millennium B.C., when the first passage graves appear in the region. The large dimensions of this monolith, when erected allowed his viewing from a far distance thus ordaining the surrounding space. The authors propose that this menhir to be re-erected and signalised through explanatory board on his historical and archaeological importance.

Keywords: Menhir; Cup-mark; Concentric circles; Neolithic.

RESUMO

Dá-se a conhecer alto menir, actualmente derrubado e fora de seu primitivo local de implantação, situado no Vale de Naçarães, a sudoeste da povoação de Fontelo (Armamar, Viseu), permitindo fazer algumas considerações. Trata-se de monólito, talhado em rocha granítica da zona, com forma subcilíndrica, embora mostrando ambas extremidades apontadas, medindo 5,32 m de altura e 1,18 m de largura máxima. A superfície exposta mostra gravadas três covinhas, uma próxima do topo e duas a par, na zona mesial, assim como, ao centro, quatro grandes círculos concêntricos picotados, contendo círculo menor, mas excêntrico. A restante superfície contém outras covinhas, estando todas as gravuras muito erodidas. É possível que as gravuras tenham sido realizadas quando o menir se encontrava tombado. Este tipo de monumentos foi provavelmente erguido no V milénio A. C., quando surgem na região as primeiras sepulturas dolmênicas. As grandes dimensões do monólito, visto de muito longe quando erecto, por certo que constituiu elemento ordenador do espaço envolvente. Os autores propõem que ele seja reerguido e sinalizado, através de placa explicativa da sua importância histórica e arqueológica.

Palavras chave: Menir; Covinha; Círculos concêntricos; Neolítico.

1. IDENTIFICAÇÃO

Há cerca de uma década, um de nós (O.S.), a quando de visita de trabalho a Armamar, deslocou-se por solicitação do então Presidente da Junta de Fontelo, Sr. Gil Mendonça, ao Vale de Naçarães, próximo daquela povoação, onde observou longo monólito, junto a caminho rural, que logo identificou como menir.

Dada a necessidade de melhor caracterização do achado, pois tal tipo de megálito era até então completamente desconhecido na região, assim como ao desenvolvimento de acções que conduzissem à sua conservação, indicou à Vereadora com o Pelouro da Acção Social, Cultura, Juventude, Património, Turismo e Ciência, da Câmara Municipal de Armamar, Dr.^a Cláudia de Jesus Damião, o primeiro signatário como investigador, com longa experiência no estudo de tais testemunhos pré-históricos, para elaborar parecer sobre a importância daquela ocorrência.

Contactos com a autarca mencionada permitiram que, dia 23 de Julho de 2018, depois de um Inverno e Primavera com meteorologia muito instável, Mário Varela Gomes se deslocasse, na companhia das arqueólogas Prof.^a Rosa Varela Gomes e Mestre Joana Gonçalves, à povoação de Fontelo e ao local onde jaz o menir.

Fomos amavelmente conduzidos ao sítio onde se encontra o monólito pelo Sr. António Batista Carvalho dos Santos, tesoureiro da Junta de Freguesia de Fontelo.

2. LOCALIZAÇÃO E AMBIENTE NATURAL

O menir em apreço encontra-se deslocado do sítio onde primitivamente se erguia, na berma de caminho que sai da povoação de Fontelo, situada a 3,5 km para poente de Armamar, e se dirige para sudoeste.

O local integra o Vale de Naçarães, cerca de 1,8 km de Fontelo e a 1,5 Km a sul do Monte de São Domingos, assinalável relevo da paisagem da zona, distando cerca de 3,5 km da margem esquerda do rio Douro, que corre a norte.

Os terrenos daquela zona, pouco inclinados e férteis, nomeadamente os xistentos, são quase na totalidade utilizados com extensas vinhas, de castas generosas, integrando a “terra quente” e a região demarcada do Alto Douro Vinhateiro.

O substrato rochoso, perto da linha de contacto das rochas grauváquicas com os xistos, é constituído por filitos e metagrauvaques, existindo imediatamente a norte formações granitóides, nomeadamente de granito com grão fino a médio, moscovítico, contendo turmalina e fosfatos, do tipo denominado “granito de Tabuaço” (SOUSA e SEQUEIRA 1989: pp. 38, 39).

Na zona de São Domingos existem pedreiras que exploram granitos, ali ocorrendo filões de quartzo (SOUSA e SEQUEIRA 1989: p. 52).

O sítio onde jaz o menir apresenta as coordenadas decimais (DD) Lat. 41.109503, Long. -7.743565, pertence à freguesia de Fontelo, ao concelho de Armamar e ao distrito de Viseu.

3. O MONUMENTO

Trata-se de monólito, talvez de origem natural, depois afeiçoado, de granito, com grão médio e cor cinzenta clara, oferecendo forma subcônica nos volumes distal e proximal, sendo subcilíndrico no volume mesial. A forma da sua secção é variável, de subcircular no terço distal, a oval, no terço proximal, o que também ocorre em outros monólitos congêneres.

Mede 5,32 m de altura, 1,18 m de largura máxima, no terço proximal, e 0,75 m na maior espessura.

Encontra-se tombado, na direcção nascente-poente, paralelamente a caminho rural e na berma norte deste, com a superfície visível limpa, devido à acção dos agentes meteóricos.

Observam-se algumas fracturas e fissuras, devido à sua exposição ao longo dos milénios e a acção antrópica.

Junto ao menir detectaram-se alguns blocos, também de granito, que poderão ter feito parte da coroa lítica da sua estrutura de sustentação.

Quando erecto, pelo menos cerca de 1/5 do volume daquele, correspondendo ao chamado volume proximal, encontrar-se-ia soterrado, fixando-o firmemente ao solo.

As dimensões deste monumento permitiam, quando erecto, a sua visibilidade a grande distância, tornando-se em elemento ordenador do espaço envolvente, tanto em termos físicos como socio-religiosos.

Desconhecemos a data precisa do talhe, transporte e erecção deste menir, o que também acontece com a grande maioria deste tipo de monumentos encontrados em Portugal e na Europa. Igualmente, não sabemos tanto as causas porque foi derrubado e em que data tal aconteceu, assim como o momento em que foi removido para o local onde actualmente jaz.

4. “DECORAÇÃO”

A face patente do menir permitiu que aí reconhecêssemos várias covinhas, com localização, diâmetro e profundidades diferentes, assim como restos de quatro círculos concêntricos, gravados, com grandes dimensões, contendo um outro menor e excêntrico.

Uma das covinhas situa-se perto do topo do monólito e apresenta contorno circular, medindo 0,110 m de diâmetro e 0,025 m de profundidade.

Duas outras, na superfície mesial, encontram-se a par, medindo 0,080 m e 0,060 m de diâmetro, e possuem 0,015 m de profundidade. Perto, na superfície lateral, observam-se, tanto covinha, com dimensões semelhantes àquelas, como restos de duas outras, formando par, com contorno circular, medindo 0,120 m de diâmetro e 0,025 m de profundidade.

Os círculos gravados ocupam parte da zona mesial da face exposta do menir, apresentam picotagem com negativos, de contorno circular ou oval, possuindo pequenas e médias dimensões, para o que se utilizou artefacto lítico, encontrando-se muito alterados devido à erosão e, portanto, difíceis de visualizar. Eles oferecem a sensação de constituírem três coroas circulares em relevo.

Os quatro círculos concêntricos identificados, embora conforme dissemos muito erodidos, medem 0,300 m, 0,375 m, 0,450 m e 0,525 m de diâmetro, ou seja, apresentam entre si sucessão com 0,075 m de diferença em relação com o seu precedente. Aquela dimensão corresponde a medida de comprimento, muito antiga, conhecida por mão, possuindo quatro dedos e sendo equivalente a cerca de 0,074 m. Cada círculo apresenta, portanto, mais quatro dedos de diâmetro que o anterior, ou seja, dois dedos para cada lado. O círculo excêntrico mede apenas 0,090 m de diâmetro.

É possível que tanto o conjunto de círculos concêntricos, como as covinhas, tenham sido gravados quando o monólito se encontrava já derrubado, ulteriormente à sua utilização primária.

A técnica usada na gravação de tais imagens encontra paralelos em muitos menires e estelas-menires do Centro (Caparrosa) e Sul de Portugal, tanto do Alto Alentejo (Vale Sobral, Barrocal, Vidigueiras, Bulhoa, Cromeleque do Xarez, Cromeleque da Portela de Mogos, Cromeleque dos Almendres), como do Algarve (GOMES 1993; 1994; 1996; 1997a; 1997b; 1997c; 2000; 2002; 2007a; 2007b; 2008a; 2008b; 2010a; GOMES e MONTEIRO 1978; 1980).

Importa referir que a face do menir actualmente voltada para o solo é, tanto quanto nos foi dado perceber, quase plana e, ao que parece, encontra-se bem conservada, podendo esconder outras gravações, em melhor estado que as da face exposta.

5. COMENTÁRIO

É inquestionável o facto de o monólito do Vale de Naçarões corresponder a menir, talvez utilizando grande bloco natural, depois afeiçoado, transportado e erguido, segundo programa específico, durante o Neolítico, em data difícil de precisar, mas provavelmente situada no V milénio A.C., quando surgem nas regiões Centro e Norte de Portugal, os primeiros monumentos megalíticos de carácter funerário.

O monumento mencionado constitui exemplar raro, dado integrar região onde o megalitismo é, por ora, pouco conhecido, nomeadamente devido à ausência de investigação arqueológica, como é escasso o número de menires identificados e estudados no Centro e Norte de Portugal. Também as suas dimensões ultrapassam as da grande maioria dos menires peninsulares, sendo um dos mais altos de quantos até agora se conhecem.

Recordemos que a estela-menir da Herdade do Barrocal (Reguengos de Monsaraz) mede 5,72 m de altura e 1,17 m de largura máxima, dimensões próximas do exemplar de Fontelo, mas que também o menir naturalisticamente fálico de Outeiro, no mesmo concelho alto alentejano, atinge 5,60 m de altura (GOMES 2007: p. 47). No concelho de Évora, o menir da Herdade da Correia mediu 5,10 m de altura e o da Oliveirinha, 5,30 m.

Trata-se de monumentos que integram o mundo do denominado megalitismo atlântico não funerário, oferecendo maior expressão na Bretanha e no Ocidente da Península Ibérica, onde surgem estas altas pedras esculpidas e erguidas, a quando da consolidação das sociedades com economia de produção de alimentos, ou agro-pastoris, suportadas pela domesticação, de animais e plantas, no contexto do desenvolvimento de nova atitude perante a Natureza (BRIARD 1995; GIOT 1995; GOMES 2007b; LONTCHO 2014).

Os grandes menires certamente que possuíam diversas funções no seio das sociedades que, com enorme esforço, os talharam, transportaram e ergueram, respondendo a comportamentos específicos, no seio das suas actividades socio-religiosas. Contudo, as alusões formais, claramente fálicas de alguns de tais monólitos, talvez nos indiquem a existência de sociedades com organização do tipo tribo-patrial remetendo-nos para práticas ligadas com a fertilidade da terra, que se acreditaria aqueles serem capazes de estimular, tornando-a produtiva, conotados com a fecundidade e o bem-estar em geral.

Mas também os altos menires eram capazes de ordenar o espaço, em termos físicos e psicológicos, de talvez servirem como demarcadores territoriais, indicando direitos ao uso ou à posse das terras agrícolas e de pasto, não deixando de constituírem centros de culto, de veneração às forças da natureza, locais de excepção, talvez mesmo considerados liminares, onde ocorreria o encontro com o mundo transcendente (GOMES 2007b).

No concelho de Armamar são conhecidos oito monumentos funerários megalíticos, seis dos quais enformando necrópole (Vale de Arcas / Tapada das Arcas / Pucarinhos, São Martinho das Chãs), e três mamoas que certamente guardam outras tantas estruturas daquele tipo (Souto Redondo, Queimada). O primeiro topónimo mencionado foi registado, nos anos cinquenta do passado século, por V. Leisner (1998: p. 12, mapa I-4).

No vizinho concelho de Lamego encontra-se o menir de Penide (LEISNER 1998: mapa I-3) e para ocidente, no concelho de Resende, são conhecidos dois recintos megalíticos, um dos quais constituído por quarenta pequenos menires, em São Cristóvão (I e II) na Serra de Montemuro (SILVA 1997; 2003: pp. 274, 275, figs 7, 8).

No concelho de Cinfães existem topónimos que sugerem a presença de menires (LEISNER 1998: p. 11, mapa I-1), conhecendo-se um de tais monumentos, denominando Penedo Comprido em Tendais (SILVA 1999: p. 180) e outro denominado Marco da Jugada, de que foi escavada a sua estrutura de sustentação (SILVA 2003: p. 274).

Consta, na base de dados da DGPC, menir situado no Alto da Poupá (CNS313315), no concelho de Tabuaço, encontrando-se tombado e medindo 1,40 m de altura e 0,30 m de espessura máxima, não tendo sido, até ao momento, objecto de estudo.

As covinhas que se observam na superfície do monólito de Fontelo ocorrem em muitos outros menires, sendo algumas coevas do período em que tais monumentos estiveram erguidos, embora a grande maioria tenha sido gravada quando derrubados, mostrando a continuidade do valor religioso, tanto dos menires como daquelas.

Não raro as covinhas surgem em pares, conforme ocorre no menir de Fontelo, ou na anteriormente citada estela-menir da Herdade do Barrocal, entre outros casos (GOMES 2007a: p. 65).

Covinhas de grandes dimensões, como algumas do menir agora dado a conhecer, são menos comuns que as de dimensões reduzidas. O seu significado, no âmbito das actividades socio-religiosas, parece ter sido múltiplo, tratando-se de símbolo tridimensional, muito recorrente.

Na pedra de cobertura de dólmen conhecido como Anta das Arcas (Tapada das Arcas, São Martinho das Chãs, Armamar) surgem, pelo menos, quatro de tais gravuras, certamente efectuadas depois da terra que cobria o monumento ter desaparecido. Também temos podido constatar que muitas das covinhas existentes nas superfícies de monumentos megalíticos, nomeadamente em menires derrubados, serão calcolíticas ou, até, de idade ulterior. Aliás, existem estelas da Idade do Ferro que mostram covinhas, alargando a diacronia de tais símbolos, que perviveram até à contemporaneidade. Eles podem ser entendidos como possuindo “significados flutuantes”, sendo polissémicos e, portanto, susceptíveis de receber diversas interpretações, designadamente ao longo do tempo.

Os conjuntos de círculos concêntricos remontam ao Paleolítico Superior, onde decoram alguns artefactos em matérias duras de origem animal. Constitui exemplo o “bullroarer” de Saint-Marcel (Indre, França), com três conjuntos daqueles elementos. Eles surgem, embora discretamente, durante o Calcólítico da Península Ibérica e em larga escala entre os inícios da Idade do Bronze e a Idade do Bronze Final, nomeadamente na arte rupestre ao ar livre do Centro e Norte de Portugal, tal como da Galiza.

No complexo de arte rupestre do Vale do Tejo encontram-se conjuntos de dois a seis círculos concêntricos, onde os diâmetros mostram, na maioria dos exemplares, valores múltiplos dos círculos de menores dimensões ou usando medida padrão, como sugerem os círculos concêntricos do menir de Fontelo (GOMES 2010b: pp. 382-384).

Na arte rupestre ao ar livre portuguesa, os conjuntos de círculos concêntricos tanto ocorrem isolados como associados em grupos ou a outras imagens. A estela-menir da Herdade do Barrocal, possui quatro conjuntos formados por dois círculos concêntricos (GOMES 2007a: pp. 66, 67).

No abrigo Pala Pinta (Alijó), observam-se dois conjuntos com dois círculos concêntricos, pintados de cor vermelha viva, radiados e, portanto, com clara conotação solar (SANTOS JÚNIOR 1933; SOUSA 1989).

Além de poderem constituir símbolos solares, alguns autores chamam aos conjuntos de círculos concêntricos “falsas espirais”. Mas eles podem ainda figurar escudos redondos da Idade do Bronze Final, conforme se observa em estelas funerárias daquela Idade ou, segundo perspectivas xamânicas, entradas para o mundo subterrâneo ou transcendente.

6. CONSERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO

O menir de Fontelo deve, a curto prazo, ser reerguido, de modo a obstar que alguém menos avisado o transforme em material de construção.

Seria óptimo, mas ao que parece muito difícil, tentar detectar o seu sítio primitivo de implantação e aí reerguê-lo. Tal não sendo possível, deve-se recorrer a outro local, próximo daquele onde jaz.

Ao ser reerguido, placa colocada junto ao menir deve explicar o seu significado histórico-cultural e indicar a sua cronologia.

Depois de ser efectuado o levantamento total das gravuras existentes nas faces do monólito e o seu estudo exaustivo, importa que a Câmara Municipal de Armamar publique tal trabalho, bem ilustrado, de modo efectuar a sua divulgação, contendo texto claro, pedagogicamente apropriado, servindo a população em geral, as camadas escolares e o turismo, constituindo significativo elemento de promoção socio-cultural.

7. CONCLUSÕES

O menir do Vale de Naçarães, é um dos mais altos exemplares de tais monumentos encontrados em Portugal. Ele corresponde a um tipo de monumento pouco comum na grande região que é o Centro e Norte do país, apesar de nela existir assinalável quantidade de sepulcros megalíticos de grandes dimensões. De facto, a maior densidade de testemunhos das denominadas “arquitecturas abertas”, ou seja, de menires, alinhamentos e cromeleques, encontra-se em duas regiões do sul do actual território nacional, mais precisamente no Alto Alentejo e no Barlavento Algarvio, onde contextos arqueológicos e datações radiométricas as situam entre meados do VI milénio A.C. e os inícios do IV milénio A.C.

O levantamento de grandes pedras, naturais, rudemente afeiçoadas ou cuidadosamente esculpidas, muitas delas apresentando forma fálica, mais ou menos naturalista, deve-se às comunidades dos primeiros tempos neolíticos, quando espaçadamente surge conjunto de novidades técnicas e nova ideologia, que originaram a economia de produção de alimentos, através da domesticação de animais e de plantas. Talvez as grandes pedras erguidas tivessem o objectivo de estimular as forças da Natureza e de organizar, ou ritualizar, territórios, marcando, de forma clara, a presença humana e a sua relação com o mundo sobrenatural.

Agradecimentos: Cumpre-nos reconhecer o apoio dado à nossa visita a Fontelo, à Senhora Vereadora Dr^a Cláudia de Jesus Damião, ao Sr. António Batista Carvalho dos Santos, tesoureiro da Junta de Freguesia de Fontelo, assim como à Prof^a Rosa Varela Gomes e a Mestre Joana Gonçalves, no concernente ao trabalho de campo efectuado e aos registos, gráficos e fotográficos obtidos. Agradecemos ao referee anónimo as sugestões apresentadas.

BIBLIOGRAFIA:

- BRIARD, Jacques (1995), *Les Mégalithes de l'Europe Atlantique. Architecture et Art Funéraire (5000-2000 avant J.-C.)*, Paris, Éditions Errance.
- GIOT, Pierre-Roland (1995), *Bretagne des Mégalithes*, Rennes, Éditions Ouest-France.
- GOMES, Mário Varela (1993), O Marco de Anta ou estela-menir de Caparrosa (Tondela, Viseu), *Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*, I, Viseu, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 7-27.
- GOMES, Mário Varela (1994), Menires e Cromeleques no Complexo Cultural Megalítico Português – Trabalhos recentes e estado da questão, *Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*, 2, Viseu, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 317-342, V ests.
- GOMES, Mário Varela (1996), Megalitismo do Barlavento Algarvio – Breve Síntese, *Setúbal Arqueológica*, 11, 12, Setúbal, Museu de Arqueologia e Etnologia do Distrito de Setúbal, pp. 147-190.
- GOMES, Mário Varela (1997a), Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico, in SARANTOPOULOS, Panagiotis (Coord. de), *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*, Évora, Câmara Municipal de Évora, pp. 35-40.

- GOMES, Mário Varela (1997b), Cromeleque dos Almendres, um dos primeiros grandes monumentos públicos da Humanidade, in SARANTOPOULOS, Panagiotis (Coord. de), *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*, Évora, Câmara Municipal de Évora, pp. 25-34.
- GOMES, Mário Varela (1997c), O menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados dos trabalhos efectuados em 1988, *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*, 1, Reguengos de Monsaraz, Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, pp. 17-37.
- GOMES, Mário Varela (2000), Cromeleque do Xarez. A Ordenação do Caos, *Memórias d’Odiara-Estudos Arqueológicos do Alqueva*, 2, Beja, Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas do Alqueva, pp. 17-190.
- GOMES, Mário Varela (2002), *Cromeleque dos Almendres - Um Monumento Sócio-Religioso Neolítico*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- GOMES, Mário Varela (2007a), Estela-menir da Herdade do Barrocal (Reguengos de Monsaraz, Évora): resultados dos trabalhos de 1995, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10 (1), Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 43-71.
- GOMES, Mário Varela (2007b), Nés à l’Extrême Sud-Ouest de l’Europe: Les menhirs de l’Algarve et l’avènement de l’idéologie mégalithique, in ANATI, Emmmanuel; MOHEN, Jean-Pierre (Dir.de), *Les Expressions Intellectuelles et Spirituelles des Peuples sans Ecriture*, Paris, Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques, pp. 147-157.
- GOMES, Mário Varela (2008a), O alinhamento da Vilarinha (São Bartolomeu de Messines, Silves). Arquitectura e arte megalítica, *Xelb*, 8 (I), Silves, Câmara Municipal de Silves, pp.51-74.
- GOMES, Mário Varela (2008b), Padrão 9 (Vila do Bispo). Um monumento singular do Barlavento Algarvio, *Xelb*, 8 (I), Silves, Câmara Municipal de Silves, pp. 75-102.
- GOMES, Mário Varela (2010a), Time and signs: Southern portuguese megalithic art diachrony, in CALADO, David; BALDIA, Maximiliam; BOULANGER, Matthew (Coord.de), *Monumental Questions: Prehistoric Megaliths, Mounds and Enclosures*, Oxford, British Archaeological Reports International Series 2122, Archaeopress, pp.17-24.
- GOMES, Mário Varela (2010b), *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico*, 1, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- LEISNER, Vera (1998), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Berlin, Walter de Gruyter.
- LONTCHO, Frédéric (2014), *Dolmens et Menhirs d’Europe Atlantique*, Lacapelle-Marival, Archéologie Nouvelle S.A.R.L. Éditions.
- MONTEIRO, Jorge Pinho; GOMES, Mário Varela (1978), Os menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa), *Revista de Guimarães*, LXXXVII, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, pp. 189-206.
- MONTEIRO, Jorge Pinho; GOMES, Mário Varela (1980), The menhirs of Portugal, *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, 18, Capo di Ponte, Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 75-88.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos (1933), O abrigo pré-histórico de “Pala Pinta”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, VI, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 33-43.
- SILVA, Eduardo Jorge Lopes da (1997), O recinto megalítico de S. Cristóvão (Resende) – Primeira Notícia, in BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de ; BUENO RAMÍREZ, Primitiva (Coord. de), *II Congreso de Arqueologia Peninsular*, vol. II, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques, pp.217-220.
- SILVA, Eduardo Jorge Lopes da (2003), Novos dados sobre o megalitismo do Norte de Portugal, in GONÇALVES, Victor dos Santos (Coord. de), *Muita Gente, Poucas Antas. Origens, Espaços e Contextos do Megalitismo*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia («Trabalhos de Arqueologia» 25), pp. 269-279.

SILVA, Fernando Augusto Pereira da (1999), Práticas funerárias da Pré-História Recente na Região Centro e Norte Litoral, *Arqueologia e História*, 51, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 167-195.

SOUSA, Manuel Bernardo de; SEQUEIRA, António J. D. (1989), *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 10-D, Alijó*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

SOUSA, Orlando (1989), O abrigo de arte rupestre da Pala Pinta-Alijó, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXIX, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 191, 192, VI ests.

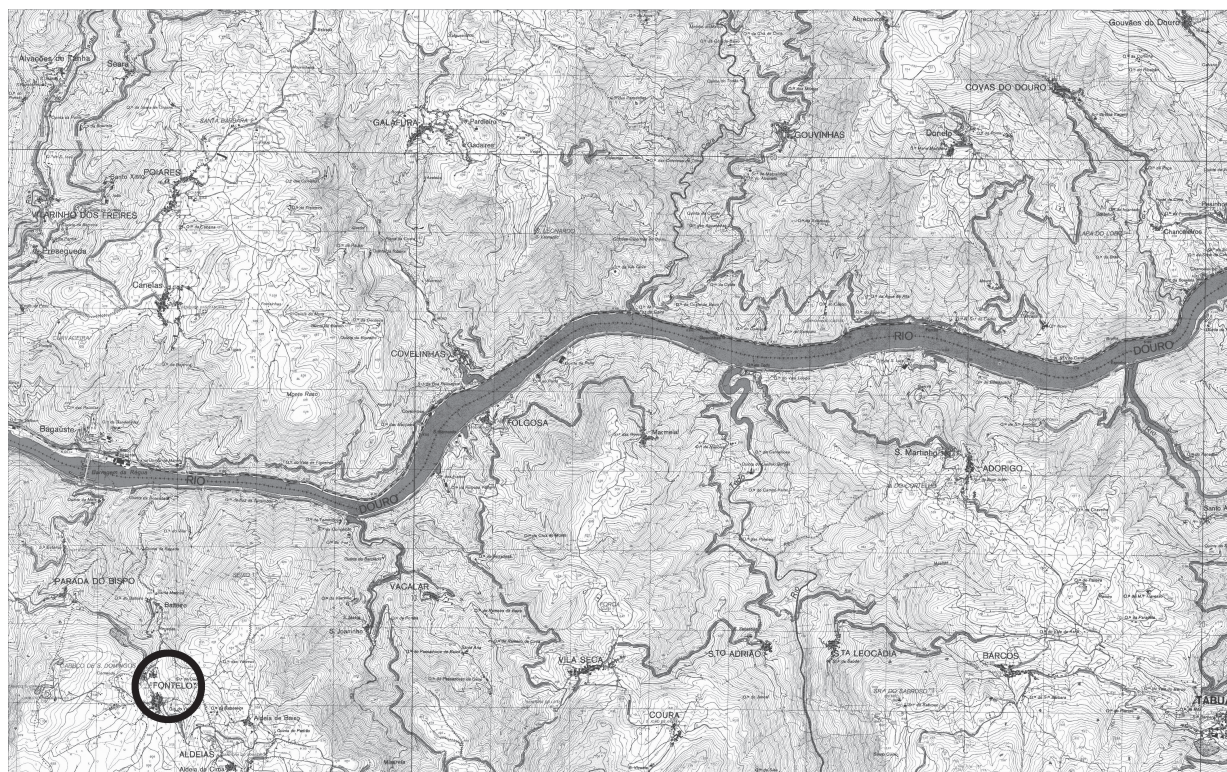


Fig. 1: Localização do Vale de Naçarães, Fontelo, Armamar (seg. a C.M.P. nº 127, SCEP).



Fig. 2: Localização do menir de Fontelo (2018) (Google Maps).

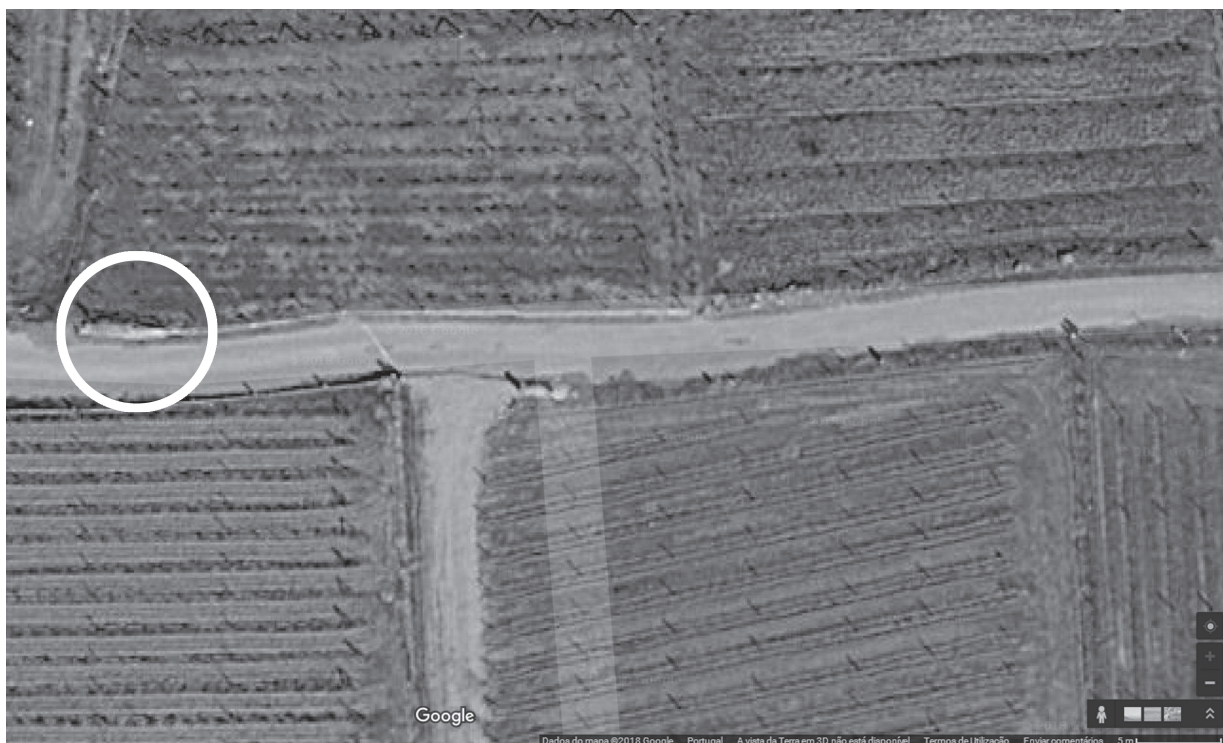


Fig 3: Situação do menir de Fontelo, no Vale de Naçarões, em vista aérea (2018) (Google Maps).



Fig. 4: Menir de Fontelo, junto a caminho rural (foto de J. Gonçalves, 2018).



Fig. 5: Menir de Fontelo. Vista lateral (foto de J. Gonçalves, 2018).

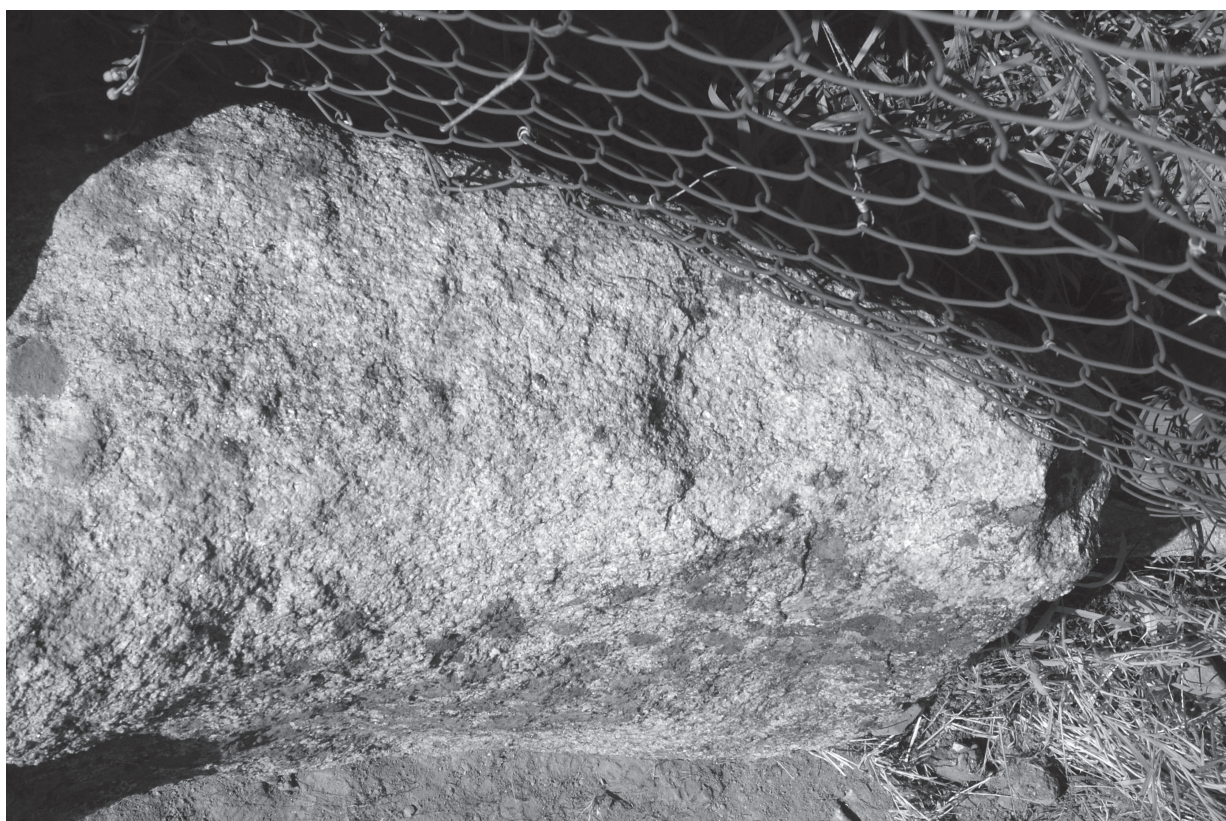


Fig. 6: Covinha de grandes dimensões, junto ao topo do menir (foto de J. Gonçalves, 2018).

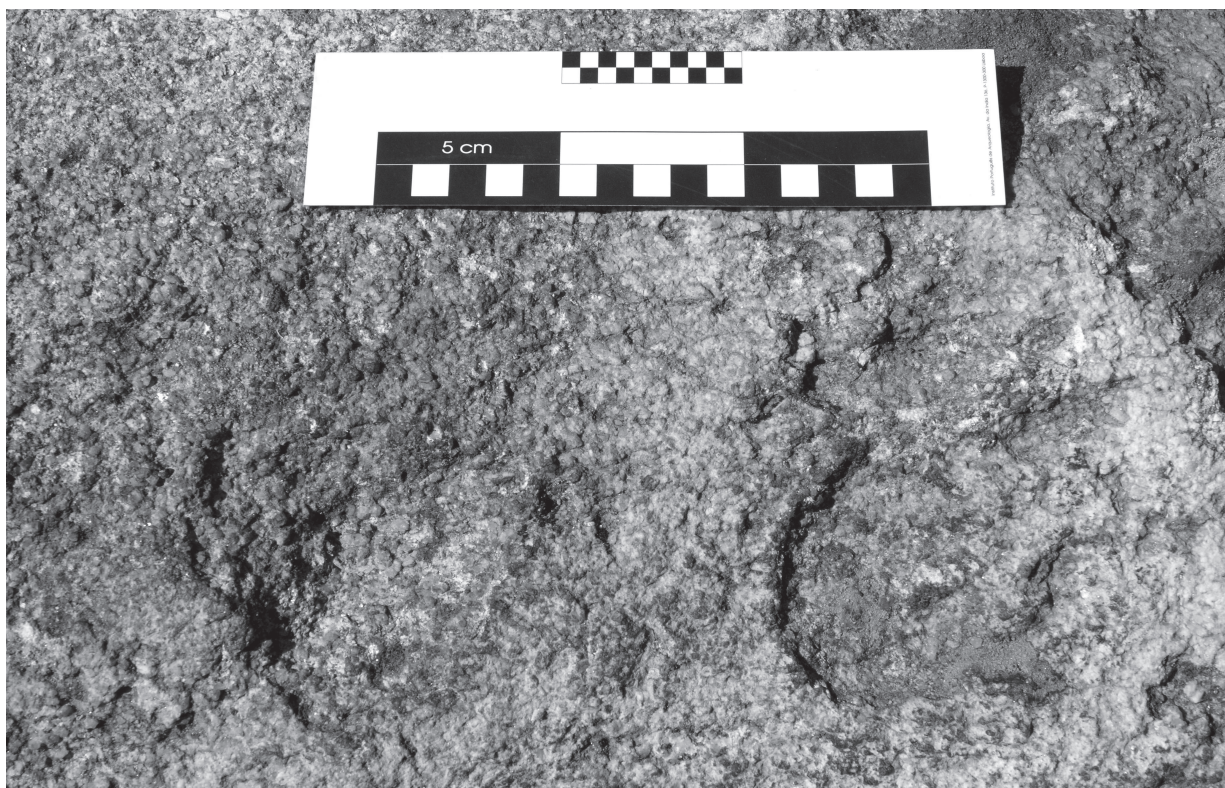


Fig. 7: Par de covinhas, muito deterioradas (foto de M.V. Gomes, 2018).

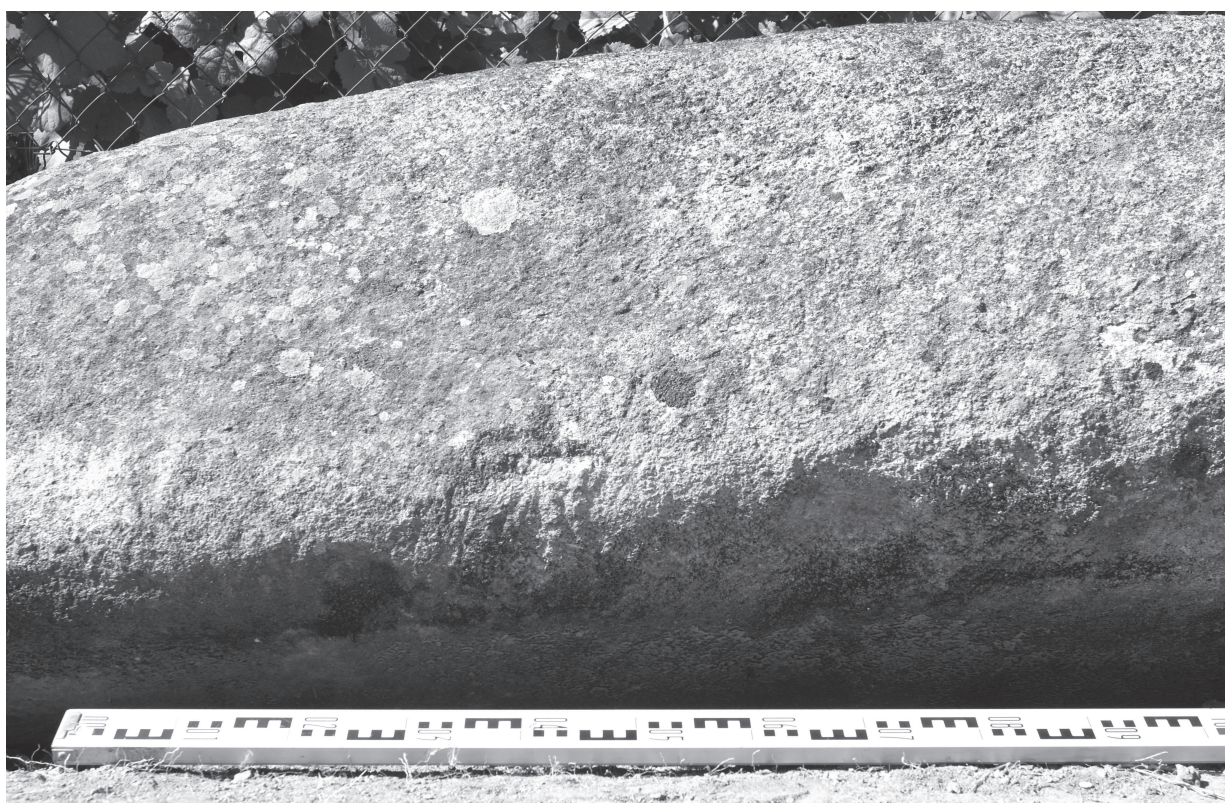


Fig. 8: Par de covinhas, de grandes dimensões (foto de J. Gonçalves, 2018).

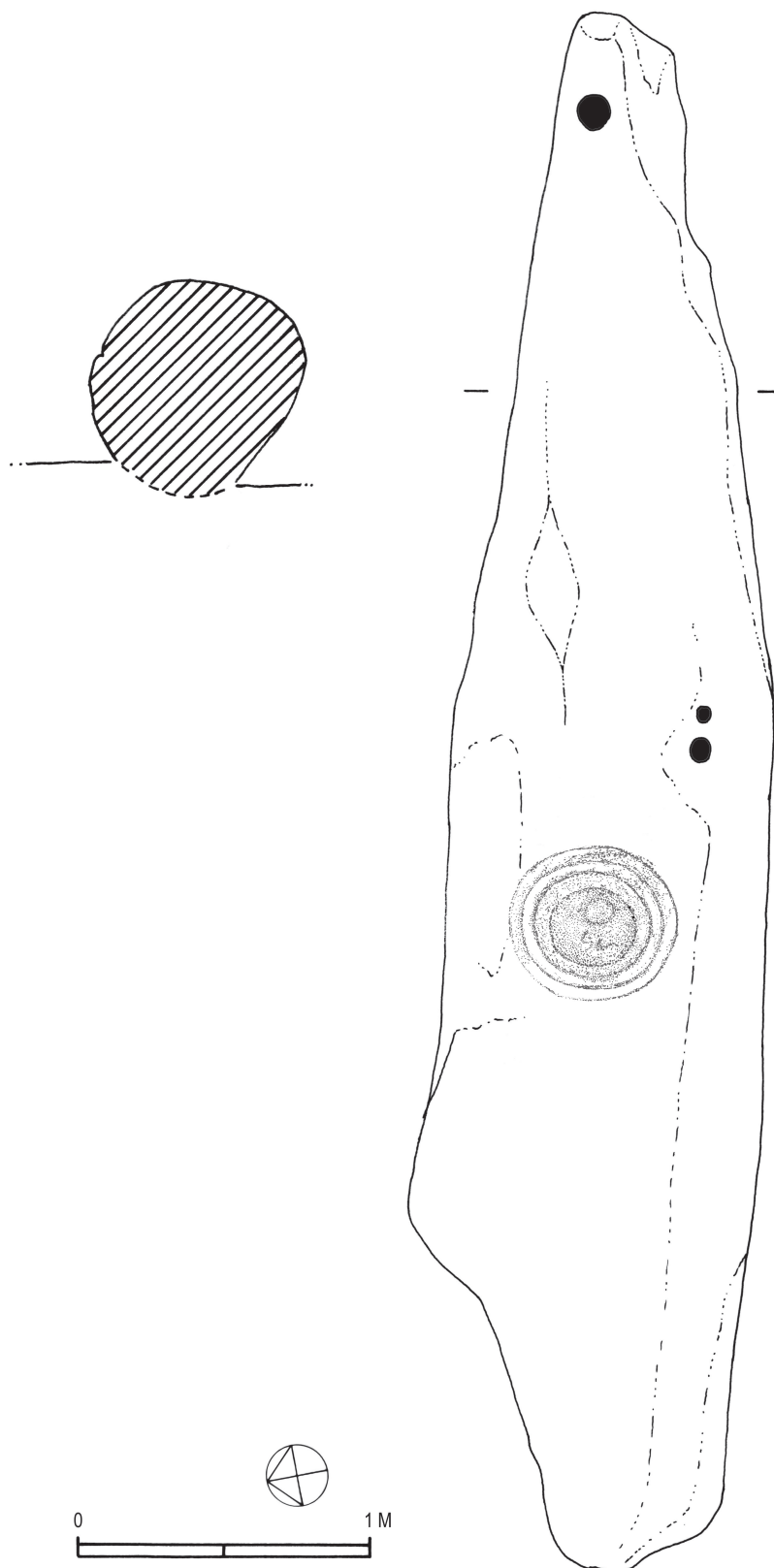


Fig. 9: Menir de Fontelo. Levantamento gráfico, planta e corte, tal como registo preliminar das suas gravuras (desenho de J. Gonçalves e M. V. Gomes, 2018).

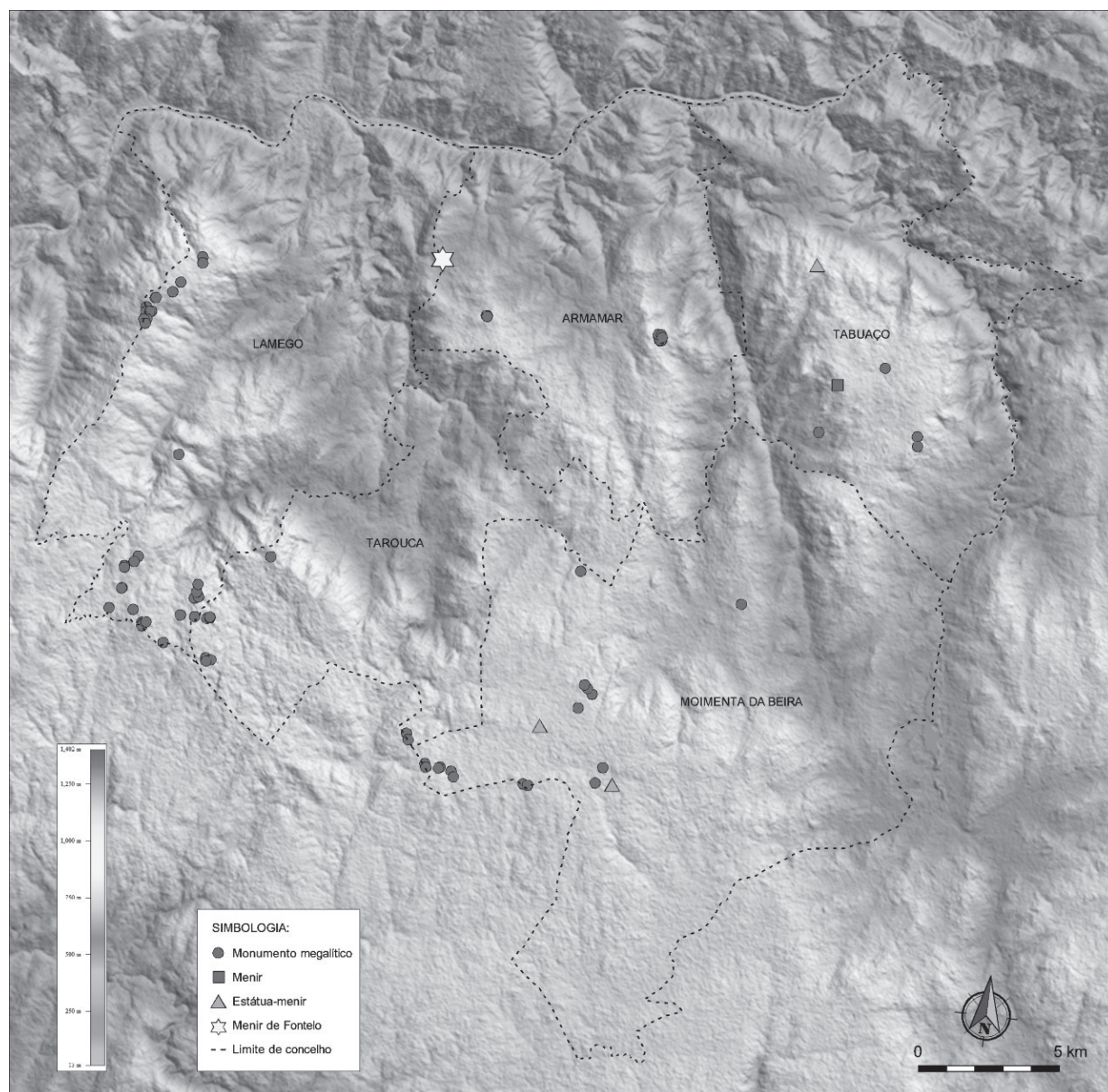


Fig 10: Megalitismo nos concelhos de Armamar, Tabuaço, Moimenta da Beira, Tarouca e Lamego (seg. Hugo Pires e Orlando Sousa).